

Aceleração das tecnomudanças gera miniconflitos entre gerações. Cada faixa de idade é diferentemente influenciada pelas ferramentas que surgem em sua fase de formação

CENA 1 — Bastou que o pai começasse a fazer perguntas demais sobre os recados que a filha recebia no Facebook e sobre as pessoas que apareciam nas fotos que ela publicou em seu perfil, para ela tomar uma decisão drástica: bloqueou seu velho no Facebook.

CENA 2 — Em sua inocência de criança, que acredita que o mundo tecnológico sempre foi do jeito que hoje é, o filho pergunta: “Pai, quando você era criança, qual era o seu site preferido?”

Nesses tempos informatizados, as relações entre gerações, e mesmo entre irmãos separados por poucos anos de idade, são pontuadas por pequenas diferenças de hábitos e até conflitos.

As novas gerações estão mais velozes. A turma conectada está exigindo respostas imediatas dos amigos, colegas, pais, professores e de quaisquer pessoas se comunicando com eles. O motivo é que, no mundo eletrônico, as respostas que os jovens obtêm das máquinas são ins-

tantâneas. Habitadas a isso, eles têm cada vez menos paciência para aguardar qualquer coisa que seja no mundo analógico, eletromecânico e... humano. Contudo, um dos efeitos dessa impaciência é que, selecionando mais severamente as opções disponíveis, os jovens têm mais controle sobre como usam seu tempo dedicado ao entretenimento. Com isso, já não são tão passivos diante da tela da TV como eram os jovens da geração anterior.

Crianças muito novas que pas-

sam muito tempo envolvidas com jogos online e mundos virtuais voltados para o público infantil, muitas vezes têm dificuldade em distinguir seus amigos reais de seus amigos virtuais. Isso pode torná-las potencialmente mais criativas do que as crianças de outrora, e, ao mesmo tempo, menos suscetíveis às propagandas comerciais convencionais.

Selecionamos quatro ambientes familiares, um no Canadá e três aqui no Brasil onde todo mundo é plugado e surgem os tecnoconflitos. ■

GRANDES E PEQUENOS

@tritos

CARLOS ALBERTO TEIXEIRA



Fred Rego

Convívio da geração internet com a i-generation

Fred Rego tem uma firma de desenvolvimento de sistemas no Canadá. Mudou-se para lá há 22 anos. Casou-se e teve duas filhas Cristiana e Bianca, hoje com 6 e 15 anos respectivamente. Ambas estão enfiadas até a alma no clima high-tech do país.

— A Cristiana é muito mais acessível. Quanto à Bianca, sempre mantenho contato com ela através do celular, principalmente à noite e nos fins de semana. Mas pelo SMS é muito mais efetivo, ela sempre responde — relata Fred. — Quando brigamos ela ameaça desligar o telefone e eu de cancelar a conta.

Um ponto que chama a atenção é a destreza das crianças mais novas no manuseio dos gadgets mais modernos. O iPhone tornou-se exemplo clássico.

— A Cristiana sempre pede o meu iPhone para escrever no “Notes” e para jogar alguns joguinhos. Nunca precisei ensinar nada para ela. Ela pega e sai usando. O mesmo com o nosso laptop e desktop — diz Fred. — Ela começou aos 3 anos, quando colocávamos o browser no site “PBS Kids” ou no da “Disney”, e ela saía jogando sem ensinarmos nada.

Cristiana não está nem aí para

mensagens de texto via celular, mas Bianca envia uns dois mil SMS por mês e recebe mais ou menos a mesma quantidade. O pai teve que fazer um plano mais caro para a família.

— Já cheguei a pagar US\$ 1 mil só de conta telefônica da Bianca — diz Fred.

A capacidade multitarefa dos jovens informatizados também tem aumentado muito, provavelmente como efeito da própria característica dos sistemas operacionais modernos, que permitem várias janelas de processamento simultâneas em um mesmo computador.

— Bianca fica no SMS, no laptop e assistindo DVDs, tudo ao mesmo tempo — diz o pai.

Mas já se nota uma clara diferença entre a geração internet, nascida na década de 80, e a chamada “i-generation”, nascida na década de 90 ou nos anos 00. No departamento televisivo, são flagrantes as diferenças nos hábitos entre as irmãs. Bianca fica bastante no computador e só assiste na TV a filmes e ao seriado “Gossip Girl”. Já Cristiana assiste à TV a maior parte do tempo, superando de longe o tempo que passa no computador.

DA ESQUERDA para a direita, os irmãos Paulo, Danilo (de amarelo), Romário, Rodrigo e Lucas (com iPhone)



Carlos Ivan

De dez filhos, “apenas” cinco...

Layse e Wilson, músicos, têm dez filhos, de 2 a 19 anos, e a tecnologia ajuda a mantê-los sob controle. Na verdade, “apenas” cinco deles moram com o casal. Lucas, o mais novo, com 1 ano e meio, já escuta músicas no iPhone e sabe ver fotos nele, arrastando o dedinho na tela para passar as imagens.

— Nossos filhos usam o Skype para se comunicar comigo e com meu marido, já que, por conta da profissão, passamos quase todos os fins de semana fora do Rio — explica Layse.

Por dispor de uma amostragem filial bem mais ampla em termos de idades, Layse percebe claramente as diferentes experiências de seus filhos com relação à tecnologia.

— Meu filho mais velho (Danilo,

20 anos) tem muito menos prática nos aparelhos do que os outros — observa. — Noto também que os interesses dos meus filhos são diferentes, em relação aos aparelhos. Quanto mais nova é a criança, mais ela quer saber, aprender e tentar coisas novas. Diante de um desafio, insistem até vencer. Já o Danilo prefere ficar naquilo que já domina, como MSN, Orkut e email.

Os hábitos televisivos da família de Layse também já foram alterados pela banda larga e a febre dos downloads já se instalou.

— As crianças pesquisam tudo na internet. Meu filho Paulo Henrique, de 16 anos, aprendeu na internet a usar softwares para manipular sons e já faz gravações em áudio em programas como ProTools e Logic — diz Layse.

Mas toda essa aptidão tecnológica tem seu preço. Muitos pais reclamam do afastamento de seus filhos de atividades tradicionais, tais como esportes, passeios e contato com a Natureza.

— Na nossa família é muito fácil perceber este afastamento, já que moramos em frente à praia e os meninos às vezes passam semanas sem nem mesmo colocar os pés na areia, mesmo no verão — conta.



Carlos Ivan